REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

APONTAMENTOS PSICANALÍTICOS PARA REPENSAR O DISCURSO DA FELICIDADE NAS EMPRESAS

PSYCHOANALYTIC NOTES FOR RETHINKING THE DISCOURSE OF HAPPINESS IN COMPANIES

NOTAS PSICOANALÍTICAS PARA REPENSAR EL DISCURSO DE LA FELICIDAD EM LAS EMPRESAS

Cleverson Molinari Mello
Doutor em Educação.
Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná.
UNESPAR, Brasil
E-mail: cleverson.mello@unespar.edu.br

Resumo

O presente trabalho é um ensaio crítico, tendo como ponto de partida o discurso da felicidade corporativa. Para apreciação do pressuposto da incompletude da felicidade, busca apresentar algumas chaves teóricas: sujeito determinado; discurso organizacional; e renúncia à satisfação das pulsões. Um sujeito moldado na imanência e não na transcendência. Sob a atmosfera de uma moral alimentada por discursos e práticas que conformam a identidade. Para analisar a felicidade, utiliza como base a obra *O mal-estar na civilização*, onde Sigmund Freud faz reflexões sobre o princípio do prazer. Para trabalhar o bem-estar do trabalhador traz considerações da obra *Sociedade do cansaço* do filósofo Byung-Chul Han, bem como do relatório *Diretrizes sobre Saúde Mental no Trabalho (2022)*, publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sem nenhuma pretensão definitiva, o ensaio busca ser uma crítica inicial aos discursos de felicidade no ambiente corporativo. E, recorrendo-se a mitologia grega aos *Leitos de Procusto*, avigora a ideia do sujeito que se compõe por sua eliminação, por vezes mutilado e outros proscrito.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Psicanálise; Sujeito; Discurso; Felicidade.

Abstract

This work is a critical essay, starting from the discourse of corporate happiness. To assess the assumption of the incompleteness of happiness, it seeks to present some key theoretical elements: the determined subject; organizational discourse; and the renunciation of the satisfaction of drives. A subject molded by immanence and not transcendence, under the atmosphere of a morality fueled by discourses and practices that shape identity. To analyze happiness, it uses as a basis Sigmund Freud's work *Civilization and Its Discontents*, where he reflects on the pleasure principle. To address worker well-being, it draws on considerations from Byung-Chul Han's work *The Burnout Society*, as well as the report *Guidelines on Mental Health at Work* (2022), published by the World Health Organization (WHO). Without any definitive pretension, the essay seeks to be an initial critique of discourses of happiness in the corporate environment. And, resorting to Greek mythology and the Beds of Procrustes, it reinforces the idea of the subject who is composed through his elimination, sometimes mutilated and other times outlawed.

Keywords: Interdisciplinarity; Psychoanalysis; Subject; Discourse; Happiness.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

Resumen

Este trabajo es un ensayo crítico que parte del discurso de la felicidad corporativa. Para evaluar la premisa de la incompletitud de la felicidad, busca presentar algunos elementos teóricos clave: el sujeto determinado; el discurso organizacional; y la renuncia a la satisfacción de las pulsiones. Un sujeto moldeado por la inmanencia y no por la trascendencia, bajo la atmósfera de una moralidad alimentada por discursos y prácticas que dan forma a la identidad. Para analizar la felicidad, se basa en la obra de Sigmund Freud *El malestar en la cultura*, donde reflexiona sobre el principio del placer. Para abordar el bienestar de los trabajadores, se recurre a consideraciones de la obra de Byung-Chul Han *La sociedad del agotamiento*, así como al informe *Directrices sobre salud mental en el trabajo* (2022), publicado por la Organización Mundial de la Salud (OMS). Sin ninguna pretensión definitiva, el ensayo busca ser una crítica inicial de los discursos de la felicidad en el entorno corporativo. Y, recurriendo a la mitología griega y a los lechos de Procusto, refuerza la idea del sujeto que se compone a través de su eliminación, a veces mutilado y otras veces proscrito.

Palabras clave: Interdisciplinariedad; Psicoanálisis; Sujeto; Discurso; Felicidad.

1. Introdução

O sujeito[1] aqui posto do ambiente corporativo é aquele que não toma o discurso do outro, mas que empresta o discurso do outro. Por conseguinte, não é autor do discurso. Se tomasse o discurso do outro, na acepção de promover a conquista do que é do outro, ao menos teria consciência dos reais motivos de estar se apropriando do discurso do outro. Até porque não existe qualquer resistência do outro, pelo menos não deveria, ao emprestar o discurso. Dito dessa forma, ao emprestar o discurso do outro, sem deparar-se com maiores resistências, sente-se, pois, "parte da equipe", sente-se "cooperando" com a organização. Ao mesmo tempo que sustenta o engodo do outro e, por conseguinte, seu próprio mal-entendido a falar pelo discurso do outro. Algo que se aproxima do conceito de metafísica empresarial, do economista alemão *Franz Hinkelammert*[2]. Assim como nas ideologias familiares e religiosas, onde o sujeito é demandado como sujeito desde o início. O aliciamento do sujeito se dá, portanto, através de comportamentos contíguos a metafísica empresarial. Tais condutas apropriadas só podem se manifestar em um sujeito determinado. Inserido em dado contexto

[1] Neste ensaio trataremos do sujeito a partir de uma análise freudiana onde o sujeito se dá através do consciente e inconsciente. Sendo o segundo, o determinante da subjetividade. Sendo o inconsciente regido por leis próprias e diferentes da consciência.
[2] Franz Josef Hinkelammert (1931/2023): foi um teólogo e economista alemão, influente teórico da Teologia da Libertação e crítico do capitalismo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

determinado. Assumindo seu espaço e desempenhando um papel como os demais sujeitos contíguos sem escolha.

2. Metodologia

O presente texto identifica-se como sendo um ensaio crítico, partindo da seguinte questão norteadora: O excesso de positividade e discursos de felicidade no ambiente de trabalho, podem afetar o bem-estar mental do trabalhador? A exposição parte de três chaves teóricas: sujeito determinado; discurso organizacional; e renúncia à satisfação das pulsões. Dessa forma, o objetivo geral do estudo é: Analisar a correlação do bem-estar mental do trabalhador com o excesso de positividade e discursos de felicidade.

O critério de seleção dos autores centrais, Sigmund Freud e Byung-Chul Han, parte da ideia de que a falta de liberdade do indivíduo, destacado por Freud, não é diferente do sujeito submisso apenas a si mesmo, evidenciado por Byung-Chul Han. Para ambos os autores, o homem não escolhe o que deseja. Não escolhe o que quer. O que parece deliberação é apenas uma ilusão sobre os próprios desejos. No caso do primeiro (falta de liberdade do indivíduo), mais manifesta. No caso do segundo (sujeito submisso apenas a si mesmo), mais dissimulada.

A razão das chaves teóricas escolhidas é preparar o leitor, ao final do ensaio, para a seguinte provocação, conforme segue. Assim como *o programa de ser feliz*, que nos é imposto pelo *princípio do prazer*, é irrealizável; da mesma forma a *felicidade corporativa*, não é possível.

No caso da primeira chave (sujeito determinado), o sujeito passa de forma arbitrária, sem perceber, a fazer parte da ideologia do lugar determinado. De sujeito sujeitado. De discurso emprestado.

No caso da segunda chave (discurso organizacional), os discursos institucionais são o resultado de comportamentos, falas e atos permitidos em determinado espaço e tempo; levando-se em conta as relações de poder.

E, por último, a terceira chave (renúncia à satisfação da pulsões), estamos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

condenados a uma vida de muitos esforços e breves satisfações. Na sociedade do excesso de positividade, eu próprio exploro a mim mesmo. Otimizo a mim mesmo para a morte. Nesse contexto, não é possível haver nenhuma resistência, levante ou revolução. Logo, o trabalhador se depara com a sensação do medo de não produzir o suficiente, de não atingir as metas e de não ser um fracassado.

Portanto, o percurso argumentativo adotado via psicanálise e discurso corporativo, através da três chaves teóricas aqui apresentadas, corrobora na análise da correlação do bem-estar mental do trabalhador com o excesso de positividade e discursos de felicidade no ambiente de trabalho.

3. Discursos corporativos

Os resíduos das concepções superficiais sobre a natureza humana a partir do próprio humanismo, são observadas nas homilias devaneadoras das empresas[3]. Tais discursos conduzidos nas organizações parecem alicerça-se a metafísica corporativa já apontada por *Franz Hinkelammert*. É necessário, no caso do ambiente corporativo, abarcar a dinâmica da edificação das referidas ilusões. Numa tentativa primeira de desconstrução das quimeras corporativas é imperativo determinados apontamentos, a partir do léxico grego e latim.

No caso do primeiro, não é possível deparar uma expressão que defina de fato o trabalho abarcando de forma genérica e/ou particular as atividades humanas produtoras de valores socialmente úteis. No máximo o que trazemos é um juízo do que o grego antigo tinha sobre o trabalho. Dessa forma, o que encontramos são ocupações consideradas inferiores destinadas aos estrangeiros, escravos e classes pobres. No entanto, era clara três compreensões para a idéia de trabalho que eram: a labor, a poiesis e a práxis.

A labor tem origem no latim *laboris*, que significa esforço, fadiga ou trabalho árduo. Entendia-se o esforço físico voltado para a sobrevivência do corpo, sendo,

[3] "É de particular importância o caso em que grande número de pessoas empreende conjuntamente a tentativa de assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade. Devemos caracterizar como tal delírio de massa também as religiões da humanidade. Naturalmente, quem participa o delírio jamais o percebe" (FREUD, 2010, pag. 38).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

portanto, uma atividade passiva e submissa ao ritmo da natureza. A raiz etimológica de poiesis vem do grego *poiein*, que significa fazer ou criar. A poiesis é o ato de fabricar, de criar alguma coisa ou produto através do uso de algum instrumento ou mesmo das próprias mãos. Já a raiz etimológica de práxis vem do grego *praxis*, que significa prática ou ação. A práxis é a atividade que tem a palavra como seu principal instrumento, isto é, que utiliza o discurso como um meio para encontrar soluções voltadas para o bem-estar dos cidadãos. Dessa forma, a escravidão caracteriza a sociedade greco-romano[4], sendo considerado o trabalho como algo oposto ao lazer e as atividades intelectuais. Se na sociedade greco-romana o trabalho era considerado inferior. Na Idade Média (dando um salto cronológico) o trabalho também denota castigo e penitência do homem. Nessa época a sociedade dividia-se em: nobres que tinham obrigação de guerrear; clero por incumbência de orar; e os servos em trabalhar.

Os cavaleiros eram nobres que se dedicavam à guerra. A lealdade a seu senhor e a coragem representavam as principais virtudes de um cavaleiro. Por muito tempo, para ser cavaleiro, bastava possuir um cavalo e uma espada. Em troca de serviço militar a um senhor, o cavaleiro recebia seu feudo, onde erguia uma fortaleza. Pouco a pouco, porém, as exigências para se tornar um cavaleiro foram se tornando mais rigorosas: além de defender o seu feudo e o de seu senhor, ele deveria professar a fé católica e honrar as mulheres. O clero, formado pelos sacerdotes que habitavam os mosteiros e seguiam as regras de suas próprias ordens e dos seus conselhos eclesiásticos. Na esfera religiosa a Igreja exerceu um papel preponderante como elo entre a cultura clássica, desenvolvida por gregos e romanos, e os novos valores cristãos. Em meio ao caos provocado pela queda do Império Romano e pela chegada dos povos bárbaros, o clero teve poder o suficiente para perpetuar as conquistas da Antiguidade, agora vistas sob a ótica do Cristianismo. No caso dos servos temos como alento a frase “o trabalho dignifica o homem” que, apesar de não existir em lugar algum na bíblia sagrada cristã, serve

[4] A classe de ricos vivia de renda e eram desobrigados de atividade que não fosse a discussão dos assuntos da cidade e bem-estar dos cidadãos. Logo a escravidão era tão fundamental, pois era o trabalho escravo que dava o suporte material para que os cidadãos não precisassem trabalhar.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

como uma espécie de estímulo ao homem no sentido de aceitar que o trabalho é algo bom, feito por Deus e dado ao homem.

Já a palavra trabalho, no caso do latim *tripalium*, quer dizer madeira. *Tripalium* era o nome de um aparelho de tortura composto de três estacas de madeira amoladas, comum em tempos remotos na região europeia. Desse modo, originalmente, trabalhar significava ser torturado. No sentido original, os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos eram os que sofriam as torturas no tripalium. Assim, quem trabalhava, naquele tempo, eram as pessoas destituídas de posses. A idéia de trabalhar como ser torturado passou a dar entendimento não só ao fato de tortura em si, mas também, por extensão, às atividades físicas produtivas realizadas pelos trabalhadores em geral: camponeses, artesãos, agricultores, pedreiros etc. A partir do latim, o termo passou para o francês *travailler*, que significa sentir dor ou sofrer. Com o passar do tempo, o sentido da palavra passou a significar “fazer uma atividade exaustiva” ou “fazer uma atividade difícil, dura”. Só no século XIV começou a ter o sentido genérico que hoje lhe atribuímos, qual seja, o de "aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim".

Independente do léxico grego ou latim, a questão é que para muitos autores panglossianos, a acepção do termo trabalho evoluiu. Apesar da continuidade da dimensão/ligação à noção de esforço e sujeição. No entanto, assim como uma enfermidade pode evolucionar para a cura, pode também evoluir à morte. Da mesma forma, como a *tripalium* era utilizada na agricultura ou em outras atividades laborais, sua aplicação e significado foram evoluindo ao longo do tempo. A “boa” *tripalium* evoluiu para um contexto de punição. Sua estrutura era montada de forma a imobilizar o indivíduo submetido a ela. Essa dualidade de aplicação da *tripalium* ilustra a complexidade da vida e da cultura na Roma Antiga. O instrumento que auxiliava no alento poderia, igualmente, ser usado no suplício. Mas o trabalho, utilizando-se da homilia panglossiana corporativa, evoluiu.

O trabalho é um direito fundamental nesta sociedade. Assim como a saúde é um direito, assim como a educação é um direito. Nesta sociedade do trabalho, não podemos fugir do trabalho. Além de direito, sem trabalho, os indivíduos são

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

excluídos socialmente. Se não trabalham, não produzem. Se não produzem não recebem pela venda da sua força de trabalho. Se não recebem, não consomem. (MELLO, 2018).

Como visto, o trabalho evoluiu. Não como existência própria. Mas porque a sociedade ao longo da história foi desenvolvendo diferentes modos de trabalho. (primitivo, escravo, feudal, capitalista, socialista. E, a depender de seu período histórico, constituiu configurações diferentes acerca de sua acepção. Interessante apontamento feito por Freud (2010, pag. 61): "após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele". Para o pai da psicanálise, "o outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver. Ainda antes, em sua pré-história antropoide, ele havia adotado o hábito de construir famílias [...] seus primeiros ajudantes".

4. Profissão de fé universalmente exigida

Muitos pensadores (sejam anteriores ou posteriores a Revolução Industrial) como, por exemplo, *John Locke*, *Adam Smith* e *David Ricardo* (dentre outros), prepararam/fortaleceram[5] o solo fecundo para as sociedades capitalistas; que, os capitalistas, por sua vez, adotam a categoria trabalho como uma espécie de manancial de toda riqueza e valores sociais.

Para *Byung-Chul Han* (2017), a sociedade disciplinar, antes uma sociedade da negatividade é, agora, a sociedade da positividade. Ou para melhor elucidar: do excesso de positividade. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar, da negatividade, antes dominada pelo não, que gerava loucos e delinquentes. Dá lugar a sociedade do desempenho, da positividade, produzindo depressivos e fracassados.

Para o autor, a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. O sujeito de desempenho está livre da instância externa

[5] "Prepararam" sem pressupor. No caso dos pensadores anteriores a sociedade capitalista.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário. Faz com que liberdade e coação coincidam. Dessa forma, o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade.

A profissão de fé universalmente exigida de que é melhor ter um trabalho qualquer do que não ter nenhum trabalho, condiciona o sujeito a uma felicidade corporativa. Na condição que se encontra. Seja ela qual for. E quem ousa e/ou tem condições de contrapor-se?

A esse respeito *Byung-Chul Han* (2017), nos adverte que é bem verdade que o hesitar não representa uma ação positiva, mas é indispensável para que a ação não decaia para o nível do trabalho. Hoje, vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermediários.

Tomando-se no início deste ensaio a proposição de que o lugar do sujeito determina o sujeito, anunciamos outra proposição. Uma vez inserido em um lugar determinado, pouco o sujeito pode fazer para modificar o que está posto; devido a profissão de fé universalmente exigida (que é melhor ter um trabalho qualquer do que não ter nenhum trabalho). Logo, podemos considerar como válida a seguinte inferência, ou seja, de que o sujeito passa de forma arbitrária, sem perceber, a fazer parte da ideologia do lugar determinado. De sujeito sujeitado. De discurso emprestado. Logo, o sujeito corrobora com a ordem econômica e a ordem social, consecutivamente, em consonância com os artigos 170 [6] e 193 [7] da Constituição Brasileira.

Por falar na carta magna, examinemos certa expressão que coabita no contexto jurídico e sua variável no contexto organizacional. Não obstante algumas

[6] Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social.

[7] Art. 193. A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

expressões exibirem sutis diferenças semânticas, carregam, por exemplo, seja no contexto jurídico ou organizacional; a ideia de que ambos (lugar social e lugar discursivo), se estabelecem reciprocamente, de forma integrante, conexos à ordem de composição do discurso. A interdiscursividade que permeia o lugar de discurso revela suas contradições, ao propor, por exemplo, como colaborador, antes trabalhador, aquele que coopera. Vejamos.

5. O discurso no contexto jurídico

Ao verificar a letra da lei brasileira, vemos no artigo 3º da Consolidação da Leis Trabalhistas (CLT), o qual confere o significado de empregado o seguinte: "*considera-se empregado, toda pessoa física que presta serviços de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste e mediante salário*". Ao verificar no dicionário *Houaiss* a palavra empregado, temos: "*que se empregou; pessoa física que presta serviços de caráter contínuo a um empregador, sob a subordinação dele e mediante salário; funcionário*". É análoga à disposição da acepção de empregado em ambos os espaços aqui destacados. Dito desta forma, a norma segue coerente ao léxico, ou seja, da relação de subordinação de empregado e empregador na definição de empregado. Importante destaque podemos aferir quando no dicionário aparece a expressão funcionário como sinônimo de empregado e não a expressão colaborador.

Por sua vez, ao verificar a expressão colaborador no dicionário *Houaiss*, temos: "*que ou o que colabora ou que ajuda outrem em suas funções; que ou quem produz com outro(s) qualquer trabalho ou obra*". Neste último caso, não aparece na definição da palavra colaborador, qualquer relação de subordinação de empregado e empregador. E menos ainda sendo tratados como sinônimo de empregado e funcionário. Que fique claro que não é objeto deste ensaio, percorrer a complexidade pela qual envereda-se o discurso institucional (que alude considerar os mecanismos sócio-semânticos[8] e semio-discursivos). Contudo, se faz

[8] Os mecanismos sócio-semânticos referem-se à interação entre o significado das palavras e o contexto social em que são usadas.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

necessário ressaltar que, os discursos institucionais são o resultado de comportamentos, falas e atos permitidos em determinado espaço e tempo; levando-se em conta as relações de poder. Logo, o discurso institucional jurídico representa uma pequena parte de um todo complexo de entrecruzamento nos espaços, jurídico, econômico, social, político e midiático.

Se no discurso institucional jurídico convencionou-se a utilização da expressão empregado, a qual é usada até hoje para definir as pessoas que estão sujeitas ao empregador mediante salário. Por outro lado, no discurso corporativo convencionou-se a partir da década de 1990, usar outras expressões como é o caso de "funcionário"; sob o pretexto de soar mais leve e menos pejorativo. E com o passar do tempo o "funcionário" deu lugar ao que as organizações chamam em 2026 de "colaborador".[9]

Retomando a ideia de que o sujeito discursa um discurso emprestado e por isso, ideológico. Cabe-nos retomar aqui o que já articulamos para avançar em nossa apreciação, ou seja, de que o sujeito dificilmente pode optar por estar fora da ideologia do lugar o qual está sujeitado. Porque, para querer estar fora, é preciso pois saber (ter consciência) que se está dentro daquilo que o sujeita. E a Implicação? Um sujeito sujeitado, apagado. E, se apagado, sem compreender as contradições oriundas do discurso que não é o seu.

Quando o gestor profere, por exemplo: "*chamamos de colaborador para reforçar a ideia de que o trabalhador faz parte da equipe e é fundamental para o sucesso dela*". Em outras ocasiões: "*porque compreendemos que os funcionários não estão ali apenas para obedecer a ordens, mas também para serem vozes ativas, colaborando com o progresso de todos*". E para rematar: " *o colaborador não é um mero empregado, mas como alguém que tem conhecimento, valor e habilidades que fazem a diferença no dia a dia da empresa*"[10]. É justamente através de uma apreciação mais criteriosa que é possível tornar visível e extrair a

[9] Qual será a expressão para os próximos anos? Irmãos? Compadres? A criativa do mundo corporativo não tem limites.

[10] As três falas aqui postas remetendo as ideias de sucesso, progresso de todos e valor, são de gestores de grandes empresas e que foram retiradas de seus respectivos sites. Optamos por não referenciar os nomes para resguardar o anonimato de empresas e gestores.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

contradição das evidências, por vezes veladas e sutis. O significante de certas expressões ora enunciados (grifos nossos), por si só revelam seus contrassensos. Mas, afinal! Sucesso e progresso de quem? De todos, quem? Valor, do quê?

6. O lugar que sujeita e adoece

Inúmeros são os estudos[11] sobre saúde mental do trabalhador. Para tanto trazemos para breve ilustração "O Relatório Mundial de Saúde Mental" da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicado em junho de 2022. O referido relatório mostrou que em 2019, um bilhão de pessoas conviviam com transtornos mentais e, além disso, 15% dos adultos em idade laboral padeceram com algum transtorno mental. Segundo o relatório é justamente o trabalho que amplia inúmeras questões sociais que afetam negativamente a saúde mental, incluindo discriminação e desigualdade. Dentre outros, o *bullying* e a violência psicológica (assédio moral) estão entre as principais queixas de assédio no local de trabalho, impactando negativamente a saúde mental. O próprio relatório destaca que, falar sobre saúde mental ainda é um tabu nos ambientes de trabalho em todo o mundo. Se antes o cansaço era físico, hoje a fadiga é mental. E, por falar em esgotamento profissional temos, como exemplo, a síndrome de *burnout* que desde 2022 passou a ser considerada uma doença ocupacional (incluído na Classificação Internacional de Doenças (CID), da OMS).

Por falar em sociedade do desempenho e adoecimento do trabalhador, é importante lembrar da mais nova habilidade profissional que o sujeito deve ter, ou seja, a "multifuncionalidade". Segundo muitos consultores corporativos, a

[11] "Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem" Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/rNNzNMDBjbR5dS8LCN86p4M/

"Saúde mental e psicologia do trabalho" Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/6gQBvK8LC7CM4Bzd5vNLH7H/

"Saúde mental e saúde do trabalhador: análise das conferências nacionais brasileiras" Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/mMGWt6BQpfsbsXvTpXH8wVQ/

"O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador" Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbso/a/WLqRPd87NwyFw5sq83tS6nM/

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

multifuncionalidade é a competência de adaptação do profissional em diferentes meios; além de desenvolver e executar múltiplas tarefas.

A esse respeito Byung-Chul Han (2017, pag. 31), já havia alertado o que ele chamou, na época, de multitarefa. Segundo o autor, a multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobrevivência na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio, não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu (sua) parceiro (a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo (nem no comer e nem no copular). O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si.

É preciso lembrar do fardo ainda maior que as mulheres trabalhadoras carregam. Além da multitarefa, por vezes, imposta pelas empresas; as mulheres ainda desempenham diversos papéis na sociedade: trabalhadora, mãe, esposa, cuidadora de seus pais idosos e/ou doentes etc.

Alguns dos consultores corporativos podem argumentar que a multitarefa citada pelo filósofo coreano já está ultrapassada, pois, agora, a multifuncionalidade é a habilidade da vez. Vejamos:

> Algumas pessoas confundem ser multifuncional com ser multitarefas, porém, são duas coisas distintas. A multifuncionalidade se caracteriza pela capacidade de exercer mais de uma atividade dentro da companhia, no entanto, não necessariamente ao mesmo tempo. Já um profissional multitarefas é aquele que possui a capacidade de realizar diversas atividades simultaneamente. A partir dessa conceituação, fica evidente que a multifuncionalidade está relacionada à possibilidade de assumir mais de uma função. O fato de conseguir cumprir várias tarefas ao mesmo tempo não torna um multitarefa um indivíduo multifuncional. (IBC, 2021).

De fato, o filósofo está ultrapassado (é quase impossível acompanhar a constante mudança de conceitos e a (re) invenção de novas habilidades dos consultores corporativos). Não basta mais, no discurso panglossiano corporativo,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

cumprir várias tarefas ao mesmo tempo (multitarefa) na empresa. Mas sim, a luz das novas habilidades, exercer mais de uma atividade (multifuncionalidade), não necessariamente ao mesmo tempo. Mas, afinal, em qual momento? É claro! Nem que para isso seja necessário trabalhar para "além dos muros da empresa". E levar trabalho para casa onde, em tese, deveríamos descansar.

7. A (in) felicidade que nos resta

Examinamos que o aliciamento do sujeito determinado se dá através de comportamentos característicos a metafísica empresarial. E a ideia de que é melhor ter um trabalho qualquer do que não ter nenhum torna-se uma profissão de fé universalmente exigida. Se antes a sociedade disciplinar era a sociedade da negatividade. Hoje, vivemos a sociedade do desempenho e do excesso de positividade. E, que, apesar de toda a massa de sujeitos depressivos e doentes; grande parte dessa mesma massa corrobora com a ideologia do lugar determinado, através de discursos emprestados, sem ao menos perceber. Vimos também que certas expressões no ambiente corporativo revelam seus contrassensos.

Partimos, agora, para determinadas exposições sobre a acepção freudiana do *Princípio do Prazer*[12], tomando por base a obra *O mal-estar na civilização*, onde Freud faz importantes reflexões para o tema da felicidade. Para tanto, utilizar-se-á das observações de Nina Saroldi (2015). E, no nosso caso, atrever-se um paralelo com a felicidade no ambiente corporativo.

Ao se sujeitar e tomando um discurso ideológico emprestado, o sujeito definido pelo lugar, agora sujeito apagado, ao menos não leva o peso do termo empregado, agora colaborador. E é nesse desempenhar seu papel de colaborador. E fazendo parte da empresa feliz. Que o sujeito sujeitado colabora e faz a diferença. Mas, a questão é: a que custo?

[12] Na teoria psicanalítica, o princípio do prazer é a força motriz do id, que busca a satisfação imediata de todas as necessidades, desejos e impulsos. O princípio do prazer se esforça para cumprir nossos impulsos mais básicos e primitivos, incluindo fome, sede, raiva e sexo. Quando estas necessidades não são satisfeitas, o resultado é um estado de ansiedade ou tensão.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. (FREUD, 2010, pg. 14).

Segundo Saroldi (2015), a obra *O mal-estar na civilização* pode ser sintetizada em uma linha: a civilização é o resultado da renúncia direta das pulsões[13] sexuais[14]. E, ao revisitar o pensamento freudiano nos dias de hoje, estamos procurando saber sobre aquilo que a cultura absolutamente não quer saber: que de fato, a civilização se constrói com a renúncia à satisfação das pulsões. Ou seja, estamos condenados a uma vida de muitos esforços e breves satisfações[15]. E, ao mesmo tempo, somos inventivos ao criar compensações para as satisfações diretas e intensas a que não temos acesso com a frequencia que desejaríamos. A autora indaga, se passamos da sociedade do mal-estar para a sociedade do medo, como diria *Zygmunt Bauman*. Desinibida nos costumes e ao mesmo tempo impotente no que diz respeito ao desejo. Fato ilustrado pelo caráter epidêmico das depressões.

A sociedade do medo de *Bauman* e a sociedade do desempenho de *Byung-Chul Han* não parecem ser antagônicas, mas sim se complementarem. Vejamos.

Quando *Bauman* (2022) diz que os medos agora se espalham, que são difíceis de serem localizados porque somente sentimos e não vemos, por isso são fortes e seus efeitos difíceis de amenizar. Ou seja, um mundo de trabalhos instáveis, de constantes mudanças nos estágios da vida, das fragilidades das parcerias. Muito se assemelha a sociedade do excesso de positividade descrita por

[13] As pulsões são forças motrizes que impulsionam pensamentos, sentimentos e ações dos indivíduos. Elas nascem de necessidades corporais internas prementes, que geram tensões buscando descarga.

[14] O homem não possui uma única pulsão sexual, e sim várias, já que ela é feita de vários componentes e pulsões parciais. Se as pulsões sexuais se encontram sempre disponíveis e podem mudar de objetivo, o homem dispõe de energia suficiente para se dedicar a exaustiva tarefas civilizadas, tais como projetar e construir pontes e escrever livros. Diferentemente dos instintos nos animais, as pulsões humanas não servem precipuamente aos propósitos da reprodução, e sim à finalidade de obter determinados tipos de prazer. (SAROLDI, 2015, pag. 33).

[15] O que muito se assemelha a sociedade de desempenho de Byung-Chul Han.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

Byung-Chul Han (2017). Onde não entra o outro como explorador, que me obriga a trabalhar e me explora. Eu próprio exploro a mim mesmo. Otimizo a mim mesmo para a morte. Nesse contexto, para *Byung-Chul Han* (2017, pag.116), não é possível haver nenhuma resistência, levante ou revolução.

Quando expressamos que a sociedade do medo e a sociedade do desempenho se complementam, nos remete a refletir que o trabalhador se depara com a sensação do medo de: não produzir o suficiente; não atingir as metas; não ser um fracassado. Nesse sentido, muitos gerentes e supervisores de empresas, transformam-se em uma espécie de especialistas em trabalhar a dinâmica do ego[16] dos trabalhadores para, assim, atingir os objetivos organizacionais. Nem que para isso arrisque a sanidade do trabalhador, aprofundando, ainda mais, os conflitos do "eu ideal" [17] [18].

Como as coisas não se mostram ao homem diretamente tal como são. Seria ingenuidade achar que a preocupação primordial dos estudos organizacionais, que se utilizam de determinadas áreas da psicologia, é tão somente o bem-estar do trabalhador. Partindo dessa premissa, esses mesmos estudos organizacionais sabem a muito tempo o que Freud já suspeitava, considerando o essencial da psicologia de grupo, ou seja: a alta sugestionabilidade[19] dos grupos.

---

[16] O ego é uma das três partes da mente ou psique segundo a teoria psicanalítica desenvolvida por Sigmund Freud. Ele atua como um mediador entre os desejos irracionais do id e as restrições morais impostas pelo superego. Seu papel é encontrar maneiras realistas e socialmente aceitáveis de satisfazer parcialmente os impulsos do id.

[17] "Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominados Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada" (FREUD, 2010, pag. 16).

[18] O eu ideal é uma imagem do eu provida de todas as perfeições sobre a qual recai o amor de si mesmo de que na infância desfrutou o eu verdadeiro, no dizer de Freud, ou o eu real, para Lacan. É a imagem idealizada de quem o indivíduo gostaria de ser. Uma fantasia de perfeição que serve como meta de realização dos desejos. O eu ideal está intimamente ligado ao conceito de narcisismo.

[19] Tendência mental que todo ser humano possui de, a partir de sugestões feitas por outras pessoas, pensar e agir de acordo com os interesses delas.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

A respeito disso, Saroldi (2015, pag. 45) no diz que, Freud postula a impossibilidade de separar a psicologia de grupo, ou psicologia social, da psicologia individual. Mesmo quando tratado isoladamente, o indivíduo, em sua vida mental, sempre se relaciona com outros. É sempre em direção ao outro, seja como objeto de amor ou de repulsa, que o sujeito se constitui como tal. Para a autora, nos grupos, o inconsciente aflora com intensidade. Eles apresentam alto grau de sugestionabilidade e de contágio, sentindo-se inclinados à onipotência que emana do sentimento de pertencer a uma coletividade. Um grupo é impulsivo e caprichoso e pode agir tanto de maneira generosa quanto cruel, pode ser heroico ou covarde. Não tolera esperar o tempo necessário entre um desejo e sua realização. Não possui capacidade de planejamento, porque é desprovido de perseverança. Até impulsos que se apresentam de maneira intensa no indivíduo, como os de autoconservação, se diluem no grupo.

Importante destaque dado pela autora quando diz que Freud define um conceito fundamental: o de libido. Ou seja, trata-se de uma certa quantidade de energia (impossível de ser medida 'das pulsões de amor'). Nesse sentido, afirma Freud, os filósofos já haviam antecipado o que a psicanálise confirma: sob a conceito "guarda-chuva" de amor se encontra desde o amor sexual e exclusivo por outra pessoa quanto o amor por uma obra, por um trabalho, por uma comunidade e pela humanidade em geral.

Seguindo em suas análises, Saroldi (2015, pag. 48) destaca que, Freud coloca em evidência um tipo específico de grupo: artificial, organizado e dependente de líderes. Tanto na igreja quanto no exército, o líder é o sujeito que comanda e ama a todos e, dessa forma, sustenta toda a estrutura. Ou seja, o fenômeno fundamental de sua psicologia é a falta de liberdade do indivíduo.

Essa falta de liberdade do indivíduo que Freud se refere, à primeira vista, parece destoar da ideia do filósofo coreano quando ele diz que o sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. Ainda mais quando afirma que o sujeito não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

Ao que parece, a falta de liberdade do indivíduo, destacado por Freud, não é assim tão diferente do sujeito submisso apenas a si mesmo, evidenciado por Byung-Chul Han. Para ambos os autores, o homem não escolhe o que deseja. Não escolhe o que quer. O que parece deliberação é apenas uma ilusão sobre os próprios desejos. No caso do primeiro (falta de liberdade do indivíduo), mais manifesta. No caso do segundo (sujeito submisso apenas a si mesmo), mais dissimulada.[20]

Freud afirma que, assim como o inconsciente precisa do sono, do humor e dos atos falhos para se expressar, para aliviar as pressões às quais se encontra submetido, "*ideal do eu*" e "*eu*" não podem se manter em permanente tensão. O *ideal do eu* abrange todas as limitações às quais o *eu* deve aquiescer; nesse sentido, a suspensão de seu julgo constitui uma libertação para o *eu*. Observando que os festivais, como o caso do carnaval, por exemplo, existem para isso. Nessas ocasiões em que os excessos são permitidos, o *eu* pode, enfim, se sentir bem consigo mesmo. (SAROLDI, 2015, pag. 52).

Dessa forma, é imperativo reforçar o que o pai da psicanálise já havia examinado em sua época e que, parece perpetuar: de que a civilização resulta da renúncia à satisfação direta das pulsões e, que, a renúncia à satisfação pulsional, é o que nos retira do estado de natureza e no faz ingressar no estado de cultura. Para Freud (2010, pag. 44), "boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas".

Se o carnaval, por exemplo, pode ser um momento ímpar para o trabalhador como forma de diversão. Uma ocasião em que o excesso é permitido, e o *eu* pode, enfim, se sentir bem consigo mesmo. Para alguns consultores corporativos, até o carnaval é possível controlar. Que tal organizarmos um carnaval na empresa? [21] [22]

[20] A culpabilidade tem origem no medo da autoridade e depois no medo do supereu.

Supereu: Instância psíquica que internaliza as regras e normas sociais, atuando como um censor moral que julga nossas ações e pensamentos.

[21] Carnaval nas empresas: 6 dicas de ações para o RH. Acesso em 30/11/2024.

Disponível em: https://factorialhr.com.br/blog/carnaval-nas-empresas/

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

Algo peculiar ao que o filósofo esloveno *Slavoj Zizek* (2003), observa sendo oferecido aos consumidores: "Produtos como café sem cafeína, cerveja sem álcool e sexo virtual combinam prazer e constrangimento ao oferecer a realidade desprovida de sua essência nociva". A esse respeito, muitos preferem um carnaval *dionísico*, a um carnaval *apolíneo*, pois, como disse Nietsche (2017, pag. 124|), "não conheço simbolismo mais elevado do que esse simbolismo grego das festas dionisíacas". Logo, os dionisíacos, na Quarta-Feira de Cinzas, talvez até faltem ao trabalho devido a indisposição ébria. Mas com o *eu* extravasado. Combalidos fisicamente, mas aliviados mentalmente e sexualmente. Já os apolíneos, quase todos, descansados fisicamente, mas esgotados mentalmente do puritanismo. E, podendo levar aos segundos, como disse Byung-Chul Han (2017, pag. 71), "a um infarto da alma". Dessa forma, o trabalhador "se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem [...] e sua vida equipara-se à de mortos-vivos. Estão por demais vivos, para morrer, e por demais mortos para viver". (BYUNG-CHUL HAN, 2027, pag. 106). Como bem pontuou Freud (2010, pag. 47), "de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegria e tão plena de dores que só poderemos saudar a morte como uma redenção?".

Para Freud, é fácil constatar que a felicidade constitui a meta da vida e que ela se divide em dois aspectos: a fuga do sofrimento e a experiência de intensas sensações de prazer. Em última instância, o que decide o propósito da vida é o programa do princípio do prazer, que impera no funcionamento do aparelho psíquico desde o início de seu desenvolvimento. Quanto esse programa contraria as normas de todo mundo a sua volta, sob todos os aspectos, dos mais ínfimos aos mais gerais, e que é paradoxal que ele ainda assim mantenha sua eficácia. A felicidade é vivenciada como a satisfação repentina e intensa de necessidades fortemente represadas, o que faz com que ela seja marcada, necessariamente, pelo caráter eventual e, mais ainda, que só seja percebida de fato como felicidade quando deriva de um contraste com a dor e o sofrimento. A felicidade persistente acaba por produzir em nós um prazer muito tênue. (SAROLDI, 2015, pag. 87).

[22] As empresas querem determinar como divertir-se, onde divertir-se. A interferência corporativa não tem limites. Chegará o tempo que irão determinar como, onde e com quem copular.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

A técnica mais poderosa no sentido de evitar a dor reside na sublimação das pulsões. E só se consegue esse efeito graças a plasticidade própria do aparelho psíquico. Arranca-se o máximo de suas possibilidades ao intensificar a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Dito de modo direto, a sublimação não convulsiona o corpo (a carne). E, além disso, não se trata de algo que esteja ao alcance de todos; ao contrário, apenas um número restrito de pessoas, dotadas de uma especial constituição, pode fazer uso desse recurso psíquico. Mesmo os poucos que dele dispõem não estão blindados contra o destino e geralmente perdem a capacidade de sublimar quando a fonte de sofrimento tem origem no próprio corpo da pessoa. (SAROLDI, 2015, pag. 89).

A felicidade é, em última instância, um problema da economia da libido de cada um, de modo que não há receita que seja universalmente aplicável. Uns dão mais valor à meta de autoconservação, de evitar o sofrimento, enquanto outros decidem procurar o prazer mais ativamente.

Nenhum caminho é infalível e livre de frustrações. Tudo depende do quanto de satisfação se consegue obter no mundo ao redor; do quanto de força se dispõe para modificá-lo, de modo a fazê-lo se enquadrar nos nossos desejos. Em tudo isso é preciso sempre levar em conta a constituição psíquica disposta pela natureza, independentemente das circunstâncias particulares que envolvem a vida de cada um. Cada um deverá adaptar sua natureza ao meio exterior de modo a tornar possível a obtenção de prazer. Uma pessoa de constituição desfavorável, por outro lado, terá dificuldades de se adaptar ao mundo externo, sobretudo se enfrentar situações difíceis. (SAROLDI, 2015, pag. 90). A esse respeito, Freud (2010, pag. 43) indica três fontes de onde vem o nosso sofrer: “a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade”.

Quanto às duas primeiras fontes, não há muito o que dizer, posto que são da ordem do imponderável. Já a terceira fonte nos causa não só sofrimento como pasmo: por que os regulamentos estabelecidos pela própria humanidade não são eficazes no sentido de atender aos seus anseios? Isso conduz ao argumento, considerado surpreendente por Freud, de que a civilização seria a maior

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

responsável pelo infortúnio dos homens, que talvez fossem mais felizes se voltassem aos tempos primitivos. O paradoxo contido nesse pensamento reside no fato de que a própria civilização construiu coisas que protegem as pessoas do sofrimento. (SAROLDI, 2015, pag. 94).

8. Considerações Finais

É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. (FREUD, 2010, pag.31).

É pouco provável que a felicidade corporativa, tenha um efeito prático e efetivo no bem-estar dos trabalhadores. O que se observa, em estudos organizacionais, são correlações de felicidade com aumento de produtividade, atingimento de metas e outros. Apesar do discurso parecer voltado à saúde mental do trabalhador.[23] [24] [25] No entanto, é preciso destacar que, não raro, algumas

[23] BUENO, Henrique. Felicidade é a estratégia essencial para produtividade. Revista VC S/A. 22 jul. 2024. Acesso em 01/12/2024. Disponível em:

https://vocesa.abril.com.br/coluna/henrique-bueno/felicidade-e-a-estrategia-essencial-para-produtividade/

[24] TOLEDO, Adalton Rafael de. Identificação de fatores que contribuem para a felicidade no trabalho e para o clima organizacional em uma cooperativa. Dissertação de Mestrado. Universidade Autónoma de Lisboa. 2021. Acesso em 01/12/2024. Disponível em:

https://repositorio.ual.pt/server/api/core/bitstreams/07817c1f-955b-4c3e-857f-25d621235494/content

[25] COSTA. Elaine de Souza. A felicidade e o bem-estar psicológico e subjetivo na gestão do trabalho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2018. Acesso em 01/12/2024.

Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9227/Dissert%20Elaine%20de%20Souza%20Costa.pdf?sequence=1

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

empresas procuram contribuir efetivamente para prevenção, acolhimento e redução de danos psicossociais.

Freud em "*O mal-estar na civilização"*, deixa claro que a civilização resulta da renúncia à satisfação direta das pulsões. E a questão sem resposta que Freud deixa é justamente se existe determinada via civilizatória capaz de harmonizar interesses particulares e coletivos. O que nos faz também refletir se algum dia existirá, de fato, uma harmonia entre os interesses dos trabalhadores e os interesses das empresas. Mas lembremos de nossa capacidade em criar compensações diante da renúncia à satisfação das pulsões.

Pensemos em compensações para os trabalhadores a luz da ética e da humanidade. E não simplesmente como gestores a luz da produtividade e do lucro. Porque se diferente for estaremos, assim como na *Mitologia de Procusto*[26], tentando adequar os trabalhadores as medidas do leito. Nem que para isso seja necessário lhes cortar ou esticar as partes.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKS, Betty B. **Freud e a Cultura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

IBC. Instituto Brasileiro de Coaching. **Multifuncionalidade no trabalho: a importância e valor de um profissional com essa habilidade**. 2021. Acesso em 25/11/2024. Disponível em: https://www.ibccoaching.com.br/portal/vida-profissional/multifuncionalidade-trabalho-importancia-e-valor/

[26] Procusto era um homem que oferecia sua pousada a viajantes solitários. Quando o viajante dormia, Procusto amordaçava e amarrava-os em uma cama de ferro. Se o corpo da vítima fosse muito grande, ele amputava as partes do indivíduo. Se a vítima fosse pequena, ele quebraria o corpo com um martelo para alongá-lo. Seja cortando ou esticando suas vítimas, o objetivo de Procusto era adaptar os pobres coitados a cama de seu algoz.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 14/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/1bjn4b66
Pages: 1-22

MELLO, Cleverson Molinari. **A (des)qualificação na sociedade do trabalho como profissão de fé**. Curitiba: CRV, 2018.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos ídolos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

___. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Saúde Mental.** Junho de 2022. Acesso em 22/05/2024. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Lebooks, 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

___. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAROLDI, Nina. **O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na contemporaneidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Nova Fronteira. 5ª ed. São Paulo: Nova Fronteira,
2023.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1984.

ZIZEK, Slavoj. **O hedonismo envergonhado**. Folha de São Paulo. São Paulo. 19/10/2003. Acesso em: 01/12/2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200303.htm